

**Para começo de conversa:
a variável linguística na interface sociofuncionalista**

Starting the conversation:
the linguistic variable in the sociofunctionalism interface

Para iniciar la conversación:
la variable lingüística en la interfaz sociofuncionalista

Maria Alice Tavares

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Brasil)
aliceflp@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2055-7570>

Fernando Laerty Ferreira da Silva Pedro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Brasil)
f.laerty@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5251-284X>

Gabriela Fernandes Albano

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Brasil)
gabriela_falbano@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7843-0092>

RESUMO

O primeiro passo de uma pesquisa variacionista é a circunscrição da variável linguística que será o objeto de estudo. Em uma perspectiva sociofuncionalista, nossos objetivos são: (i) mostrar como a convergência do conceito de variável linguística com o de macrodomínio funcional pode ser empregada como estratégia para a circunscrição da variável; (ii) aplicar essa estratégia a dois domínios funcionais, adversidade e a concessividade. As variantes de codificação

* Sobre os autores ver páginas 287-288.



desses domínios são multifuncionais: *mas e só que*, no caso da adversidade, e *mesmo (que), apesar (de) que e nem que*, no caso da concessividade. Concluímos o texto apontando vantagens da adoção da estratégia de delimitação de um macrodomínio como variável linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Variável linguística; Domínio funcional; Adversidade; Concessividade.

ABSTRACT

*The first step in a variationist analysis is to circumscribe the linguistic variable that will be the subject of study. Based in a sociofunctionalist perspective, we aim at: (i) show how the convergence of the concept of linguistic variable with that of functional macrodomain can be employed as a strategy for circumscribing the variable; (ii) apply this strategy to two functional domains, adversity and concessiveness. The coding variants of these domains are multifunctional: the adversity conjunctions *mas and só que*, and the concessive conjunctions *mesmo (que), apesar (de) que and nem que*. We concluded the paper by pointing out advantages of adopting the strategy of delimitation of a macrodomain as a linguistic variable.*

KEYWORDS: Linguistic variable; Functional domain; Adversity; Concessiveness.

RESUMEN

*El primer paso en una investigación variacionista es la circunscripción de la variable lingüística que será el objeto de estudio. Bajo una perspectiva socio funcionalista, nuestros objetivos son: (i) mostrar cómo la convergencia del concepto de variable lingüística con el de (macro) dominio funcional puede utilizarse como una estrategia para la circunscripción de la variable; (ii) aplicar esa estrategia a dos dominios funcionales, la adversidad y la concesividad. Las variantes de codificación de esos dominios son formas multifuncionales: *mas y só que*, respecto a la adversidad, y *mesmo (que), a pesar (de) que y nem que*, respecto a la concesividad. Finalizamos el texto señalando ventajas de la adaptación de la estrategia de delimitación del (macro) dominio como variable lingüística.*

PALABRAS CLAVE: Variable lingüística; Dominio funcional; Adversidad; Concesividad.

1 Introdução

Em uma interface sociofuncionalista, conceitos e procedimentos metodológicos propostos pela sociolinguística variacionista e pelo funcionalismo são combinados na tecitura de uma vertente de abordagem à variação e à mudança linguística. Tavares (2003), apoiando-se em Oliveira (1999), argumenta que é possível construir uma interface sociofuncionalista desde que ela seja entendida como resultado de uma conversa na diferença, com a tentativa de estabelecer uma linguagem comum para compreender as premissas de uma teoria no arcabouço da outra.

A conversa tem início na busca de compatibilização do objeto de análise. Passemos a palavra à sociolinguística, que se dedica ao exame da variação linguística tomando como unidade de análise a variável linguística:¹

O estudo da variação linguística é inaugurado com a introdução do novo conceito de variável linguística. [...] A definição de uma variável linguística é a primeira e também a última etapa na análise da variação. Tudo começa com o simples ato de perceber uma variação – que existem duas maneiras alternativas de dizer a mesma coisa (LABOV, 2008, p. 1).²

A definição da variável linguística também é a primeira etapa de uma investigação sociofuncionalista. Neste texto, temos por objetivo discutir a convergência do conceito de variável linguística com o de macrodomínio funcional como uma estratégia para a circunscrição de variáveis linguísticas. Além disso, aplicamos essa estratégia a dois domínios funcionais do âmbito da junção, a concessividade e a adversidade. Esses domínios trazem um desafio adicional: suas formas de codificação são multifuncionais. Como a conversa na diferença pode ser entabulada?

Desenvolvemos o texto em quatro seções, além desta introdutória. Na primeira, correlacionamos os conceitos de variável linguística e domínio funcional, destacando o domínio funcional complexo TAM. Nas seções subsequentes, mostramos como os domínios funcionais da concessividade e da adversidade podem ser delimitados como variáveis, colocando problemas e soluções em evidência. Por fim, apresentamos as considerações finais.

2 Variável linguística/domínio funcional

O conceito de domínio funcional é evocado por teorias funcionalistas tipológicas, cujo propósito é o exame da diversidade de meios estruturais que codificam uma dada função em diferentes línguas ou em uma única língua, na procura tanto de universais quanto de particularidades. Um domínio funcional corresponde a uma função semântica e/ou pragmática de caráter gramatical que pode ser realizada linguisticamente através de uma ou mais formas. São exemplos: tempo, aspecto, modalidade, negação, transitividade, predicação, participação, foco, topicalização, referenciação, posse, ilocução, concordância,

¹ As traduções foram feitas por nós porque, que seja de nosso conhecimento, não há tradução para o português de Labov (2008).

² “The study of linguistic variation begins with the introduction of the further concept of the linguistic variable. [...] The definition of a linguistic variable is the first and also the last step in the analysis of variation. It begins with the simple act of noticing a variation—that there are two alternative ways of saying the same thing” (LABOV, 2008, p. 1).

contraste, causalidade, atos de fala, entre outros (GIVÓN, 2002; LEHMANN, 2011).

Domínios funcionais podem se organizar em níveis variados. Givón (1984, 2001, 2002, entre outros) emprega a noção de domínio funcional em referência a funções gramaticais em escala mais ampla (macrodomínios) e mais estrita (microdomínios). Esses domínios se distribuem em um *continuum*. Segundo Górski e Tavares (2017),

a metáfora da lente é um recurso útil para ilustrar essa concepção de domínio funcional: o ajuste do foco vai determinar a abrangência e os possíveis limites do domínio em questão. Por exemplo, TAM (tempo-aspecto-modalidade) é um domínio funcional complexo em que as três categorias atuam articuladamente. Se ajustarmos a lente sobre cada uma delas, passamos a perceber três domínios funcionais distintos. Opera-se com a ideia de fenômeno superordenado, cujos limites nem sempre são nítidos e cujo escopo funcional é gradiente: macrofunção > funções > subfunções (Górski et al., 2003) – noção que pode ser estendida para: macrodomínio > domínio > microdomínio funcional. Podemos, nesses casos, falar em subtipos de um mesmo supertipo (por exemplo: TAM > temporalidade > futuro > futuro do presente; TAM > aspectualidade > imperfectividade > habitualidade; TAM > modalidade > submodo epistêmico > (in)certeza (GÓRSKI; TAVARES, 2017, p. 49).

Desde sua proposição por Labov (1966), a natureza da variável linguística tem despertado grande polêmica. Além da definição tradicional, que requer que as variantes sejam semanticamente equivalentes em um sentido verifuncional (duas maneiras de dizer a mesma coisa com um mesmo valor de verdade), há definições que requerem equivalência funcional (as variantes devem desempenhar a mesma função no discurso), equivalência procedimental (as variantes devem partilhar um significado procedimental) e equivalência derivacional (as variantes devem ser derivadas historicamente da mesma cadeia linear de componentes, isto é, da mesma construção fonte) (TAGLIAMONTE, 2012; TERKOURAFI, 2011; PICHLER, 2013, entre outros).

Independentemente do tipo de equivalência previsto para as variantes, há outra exigência a ser cumprida: elas devem ser potencialmente intercambiáveis na representação linguística da variável em jogo. Em um contexto de interação particular, as variantes são opções disponíveis para um mesmo falante, que selecionará – consciente ou inconscientemente – uma delas, sob influência de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Em diálogo da sociolinguística com o funcionalismo, associamos o conceito de variável linguística ao conceito de domínio funcional e o conceito de variantes às formas de codificação de um domínio funcional, na esteira de Tavares (2003). Duas ou mais formas passíveis de uso intercambiável na codificação de um domínio funcional podem ser consideradas variantes de uma variável em uma investigação conduzida em um viés sociofuncionalista.

Com tais correspondências entre conceitos, nos aproximamos do requerimento de equivalência funcional, embora a possibilidade de conversa com outros tipos de equivalência, como a procedimental (de ordem pragmática) e a derivacional (de ordem construcional) não esteja descartada, uma vez que a noção de domínio funcional pode, a princípio, ser relacionada a eles. Não nos demoramos nesta questão porque ela foge ao escopo deste texto.

Outra questão que não exploramos aqui é a da vertente funcionalista específica que pode ser assumida pelos pesquisadores alinhados a uma abordagem sociofuncionalista. É possível que o conceito de domínio funcional seja incorporado por diferentes vertentes funcionalistas, obviamente em diálogo com os preceitos teórico-metodológicos de cada uma delas.

Listamos a seguir variantes de dois (micro)domínios funcionais/funcões que são aptos à circunscrição como variáveis linguísticas. Trata-se de (micro)domínios agregados pelo domínio funcional complexo TAM: os tempos verbais futuro do presente do indicativo e pretérito mais-que-perfeito do indicativo. A organização superordenada desses domínios é a seguinte: TAM > temporalidade > futuro > *futuro do presente do indicativo*; TAM > temporalidade > pretérito > *pretérito mais-que-perfeito do indicativo*.

(i) as variantes do (micro)domínio futuro do presente do indicativo podem ser as formas de futuro do presente simples (*amarei*) e perifrásticas (*vou amar, irei amar*) e a forma de presente do indicativo (*amo*) com referência temporal de futuro do presente do indicativo;

(ii) as variantes do (micro)domínio pretérito mais-que-perfeito do indicativo podem ser as formas de pretérito mais-que-perfeito simples (*amara*) e perifrásticas (*havia amado, tinha amado*) e a forma de pretérito perfeito do indicativo (*amei*) com referência temporal de pretérito mais-que-perfeito.³

Variantes de um domínio funcional podem ser multifuncionais. Torres, Rodrigues e Coan (2012) ocupam-se de uma variável linguística que acomoda variantes desse tipo: o tempo verbal futuro do presente do indicativo durativo, uma macrofunção temporal/aspectual.⁴ As variantes são duas

³ O conjunto de variantes de uma variável dependerá do corpus. Por exemplo, se uma variante é avaliada pelos falantes como típica de contextos de interação mais informais, talvez não seja encontrada em corpora marcados por maior formalidade; se uma variante é uma forma em extinção (ou já extinta) em uma dada sincronia, poderá ser selecionada como variante em corpora de sincronias passadas, em que era utilizada.

⁴ Domínios/funcões podem se sobrepor parcialmente, do que resulta um microdomínio de sabor misto: “[...] um grande domínio frequentemente se subdivide em subdomínios que se intersectam e interagem” (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 46). É o que acontece com o futuro do presente do indicativo durativo, que integra duas funções vinculadas ao domínio funcional complexo TAM: tempo verbal (futuro do presente do indicativo) e aspecto (durativo). A respeito de nomenclatura: microdomínios e subdomínios são termos que se referem ao mesmo nível de análise funcional.

perífrases gerundivas: (i) a simples, com dois verbos (*continua moldando/vai diminuindo/acaba dando conta*); e (ii) a estendida, com três verbos (*vai continuar tendo/vou estar fazendo/vai acabar fazendo*).

Nas palavras dos autores:

A codificação de tempo futuro do presente do indicativo por meio de perífrases gerundivas pode ser identificada, no português contemporâneo, como uma macrofunção de tempo futuro, de noção aspectual durativa, que pode ser dividida em três microvariáveis ou subvariáveis, cada uma delas organizada em variantes binárias: o futuro iminente perifrástico, identificado como codificando um evento durativo que incorpora o momento da fala e se desenvolve no futuro, com ênfase no início da ação; o futuro médio perifrástico, identificado como um evento posterior ao momento de fala, sem definições explícitas de seu início e término e o futuro resultativo perifrástico identificado como codificando um evento que ocorre à direita do momento de fala, com ênfase em seu término (TORRES; RODRIGUES; COAN, 2012, p. 62).

Uma organização superordenada em termos de domínios funcionais seria: (i) TAM > temporalidade > futuro > futuro do presente do indicativo > futuro do presente do indicativo durativo > futuro iminente perifrástico; (ii) TAM > temporalidade > futuro > futuro do presente do indicativo > futuro do presente do indicativo durativo > futuro médio perifrástico; (iii) TAM > temporalidade > futuro > futuro do presente do indicativo > futuro do presente do indicativo durativo > futuro resultativo perifrástico. Cada domínio funcional que está à esquerda é um macrodomínio em relação ao domínio funcional que está à sua direita, que é, portanto, um microdomínio daquele que está à sua esquerda.

Qual domínio funcional seria tomado como variável linguística? Cada um dos microdomínios/funções mais específicos – futuro iminente perifrástico, futuro iminente perifrástico e futuro resultativo perifrástico – pode ser delimitado como variável. As variantes dessas três variáveis/domínios funcionais são idênticas: as formas gerundivas perifrásticas. Nesse caso, a variável linguística seria:

circunscrita em consonância com a perspectiva mais adotada em estudos variacionistas, a de variação estrita (cf. TAGLIAMONTE; SMITH, 2006), em que a variável corresponde a uma única função gramatical, e as variantes são as formas que expressam essa função. Se as variantes forem multifuncionais, suas outras funções são excluídas da análise (TAVARES; DUARTE, 2021).

Existe, porém, uma estratégia para o recorte de variáveis linguísticas que não desconsidera a multifuncionalidade: a tesoura é passada em torno do macrodomínio/macrofusão que engloba os microdomínios/microfunções cujas variantes de realização são partilhadas. Na situação do futuro do presente do indicativo durativo, ele, como macrodomínio, seria a variável. O que seria feito dos três microdomínios? Seriam controlados como fatores em uma variável independente para um tratamento estatístico multivariado.

Os ganhos que podem advir da adoção desse procedimento são apresentados ao final do texto. Antes, recebem espaço dois microdomínios funcionais afiliados ao domínio complexo da junção, a adversidade e a concessividade. Descrevemos a organização superordenada desses microdomínios no domínio da junção, levantando problemas referentes à delimitação da variável e à seleção das variantes e propondo soluções para eles.

3 Domínio funcional adversidade: variável e variantes

A adversidade é um (micro)domínio do domínio funcional complexo denominado nexos por Lehmann (2011), mas que também pode ser denominado junção, termo utilizado por nós. Esse domínio funcional recobre, como microdomínios, diferentes funções (que podem ser entendidas como relações semântico-pragmáticas), a exemplo de temporalidade, causalidade, condicionalidade, finalidade, concessividade, comparação, consecução, adição, adversidade, disjunção, explicação (GIVÓN, 2001, 2002; LEHMANN, 2011).

As formas codificadoras da junção são preposições e conjunções coordenadas e subordinadas que atuam “[...] na junção dos elementos do discurso, isto é, ocorrem num determinado ponto do texto indicando o modo pelo qual conectam as porções que se sucedem” (NEVES, 2000, p. 601).

Diversos pesquisadores desenvolveram trabalhos com foco na conjunção adversativa *mas*. Barreto (1999) dedicou uma seção de sua tese ao *mas*, percorrendo um trajeto de evolução funcional do latim ao português brasileiro contemporâneo. A autora afirmou que, ainda no latim, o *mas* sofreu recategorização, tendo em vista que deixou de desempenhar o papel de advérbio para desempenhar o de conjunção. Ducrot e Vogt (1980), com ancoragem na semântica argumentativa, também se propuseram a analisar o *mas* na língua latina, quando ainda tinha a forma *magis*, mas já desempenhava função adversativa. Neves (1984, 2000) e Duque (2008), entre outros, investigaram o *mas* com o ensejo de classificar suas funções.

Longhin (2003) examinou outra conjunção (perífrase/locução conjuncional) adversativa, o *só que*, mais recente na língua portuguesa. Servindo-se da distinção feita por Lakoff (1971) entre dois sentidos do *but* (*mas*) do inglês – oposição semântica e quebra de expectativa –, Longhin (2003) reuniu, em sua amostra, instâncias de *só que* com o sentido de quebra de expectativa. A autora não localizou *só que* com sentido de oposição semântica.

Na oposição semântica, as orações concessiva e principal são diretamente contrastáveis, ao passo que, na quebra de expectativa, o contraste emerge da atitude do falante. De acordo com Longhin (2003, p. 110), “João é rico, mas Pedro é pobre” traz oposição semântica, e “João é republicano, mas é honesto” traz quebra de expectativa.

Longhin (2003) assevera que a quebra de expectativa:

[...] está relacionada às expectativas que os falantes têm a respeito do que acreditam ser apropriado ou "normal" no mundo. As expectativas "normais" nada mais são que os padrões característicos do mundo com o qual o falante tem familiaridade, ou que ele tem em mente, ou que ele pensa que o ouvinte pensa que ele tem em mente, em um contexto relevante. A quebra de expectativa, nesse sentido, equivale a toda a situação em que, de alguma forma, há divergência entre aquilo que se diz e aquilo que é considerado normal. O quadro se complica quando, na interação, os interlocutores têm expectativas diferentes a respeito de um certo assunto. Isso acontece com relativa frequência e se deve a fatores como idade, sexo, status social, bagagem cultural ou ideologia (LONGHIN, 2003, p. 120).

Longhin (2003) sugeriu que o sentido de quebra de expectativa assumido pelo *só que* é particularizado em cinco acepções: marcação de diferença, marcação de refutação, marcação de acontecimento inesperado/indesejado, marcação de não satisfação de condições e marcação de contra-argumentação.

Pedro (2019), constatando que o *só que* também manifesta essas cinco acepções, tomou ambas as formas como variantes. A variável linguística – quebra de expectativa – foi desenhada com base no conceito de domínio funcional, e as cinco acepções – relações semântico-pragmáticas – codificadas pelas variantes foram definidas como seus microdomínios. A organização superordenada foi: junção > contraste > adversidade > quebra de expectativa > cada um dos microdomínios/relações semântico-pragmáticas afiliadas à quebra de expectativa. Ao final desta seção, reformulamos essa proposta.

Na sequência, descrevemos cada uma das relações semântico-pragmáticas adversativas, ilustrando com dados extraídos do Banco de Dados FALA-Natal.⁵

Ocorre marcação de diferença quando há uma comparação entre dois elementos e a distinção entre eles é evidenciada pela conjunção, o que pode ser parafraseado como “X é como Y em quase tudo, a diferença é que X (ou Y)” (LONGHIN, 2003, p. 124). Primeiro o falante apresenta as características que tornam os elementos idênticos, para depois quebrar a expectativa ao apontar o que os diferencia:

⁵ A constituição do Banco de Dados FALA-Natal (BDFN) foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRN. CAAE: 11652312.2.0000.5537.

(1) E: Você estuda na mesma escola do seu irmão?

I: É. SÓ QUE ele estuda de manhã e eu estudo de tarde (BDFN; Entrevista 5).

(2) E: O que é Xbox?

I: Um videogame digital avançado. Tipo um videogame, MAS é um Xbox que já tá avançado sem fio, com controle sem fio (BDFN; Entrevista 7).

Em (1), o informante confirma que ele e seu irmão estudam na mesma escola, o que pode levar o interlocutor a pressupor que ambos estudam no mesmo horário; no entanto, a quebra da expectativa se materializa a partir da marcação de diferença, visto que a informação introduzida pelo *só que* revela que, embora estudem na mesma escola, há algo que os distingue: estudar em turnos diferentes.

Em (2), inicialmente, o entrevistado diz que o Xbox é como um videogame, do que se poderia inferir que funciona do mesmo modo que os demais videogames, expectativa que é quebrada com a menção de uma diferença: o fato de que o Xbox funciona sem fio.

Tem-se a marcação de acontecimento inesperado/indesejado quando o conector acena para uma ruptura com o que é normal ou desejável no mundo, o que pode ser parafraseado como “X. Para minha surpresa Y” (LONGHIN, 2003, p. 129).

(3) E: E filmes? Você gosta de assistir filme no cinema?

I: Gosto. Inclusive, uma pessoa tá me devendo uma ida à Frozen, SÓ QUE ela tá com o cóccix rachado aí não pode (BDFN; Entrevista 1).

(4) E: Aí você ficou feliz quando zerou?

I: Aham, MAS depois a minha irmã apagou a memória do jogo, aí eu tive que reiniciar tudo de novo (BDFN; Entrevista 9).

Em (3), o informante espera que a pessoa que está lhe “devendo uma ida a Frozen” cumpra o prometido, mas um acontecimento inesperado/indesejado impede o cumprimento da promessa: a pessoa se acidentou e “tá com o cóccix rachado”.

Em (4), a felicidade do informante com sua conquista no jogo de videogame deu lugar a uma surpresa indesejada: sua irmã apagou a memória do jogo, eliminando o registro da pontuação máxima alcançada pelo informante.

Entende-se por marcação de refutação a negação, desmentido ou contestação da informação veiculada anteriormente, com o imediato acréscimo do que se julga ser correto (retificação), o que pode ser parafraseado como “X. Não conclua X, pois Y” (LONGHIN, 2003, p. 131):

(5) E: Pensa em ter filhos?

I: Dois.

E: Dois? Por que dois?

I: Porque foi... porque na minha família só é, eu e meu irmão, então, eu quero assim ter dois filhos também, SÓ QUE eu quero ter dois homens não, quero ter um menino, e uma menina, ter não, né? Eu quero... não, eu não quero ter, quem vai ter é a minha esposa, mas, eu quero educar, criar assim dois filhos (BDFN; Entrevista 19).

(6) Eu moro lá faz sete anos, é uma vizinhança tranquila, MAS agora a gente tá tendo muito assaltos (BDFN; Entrevista 9).

Em (5), o informante afirma que deseja ter dois filhos. A expectativa é de que ele deseja ter dois filhos homens (já que havia acabado de dizer “eu quero ter dois filhos” e de mencionar ele e o irmão como únicos filhos na família), porém essa expectativa é refutada pelo uso do *só que*, que introduz a informação retificadora de que o informante não gostaria de ter dois meninos, e sim um menino e uma menina.

Em (6), o movimento de refutação/retificação ocorre no momento em que o entrevistado comenta que a vizinhança é tranquila, porém logo refuta essa ideia, emendando que está havendo assaltos frequentes.

A marcação de não satisfação de condições deriva do “[...] desacordo entre a vontade ou necessidade de ser ou de fazer algo e o não cumprimento, por alguma razão, de pelo menos uma das condições necessárias” (LONGHIN, 2003, p. 133), ou seja, o falante inicialmente direciona a interpretação para X, porém surge algo que provoca uma outra interpretação, a Y, o que pode ser parafraseado como “X quer Y. Não conclua que é possível, pois Z” (LONGHIN, 2003, p. 133):

(7) E: Como foi o desfile?

I: Foi um monte de carro passando, cantando lá “Natal Luz, Gramado ê...”, essas coisas, aí ficou passando desfile, durou sei lá, uma hora aquele desfile. Aí depois a gente foi comer, SÓ QUE eu não queria comer porque tava querendo dormir. Maior parte do tempo eu queria dormir porque o friozinho bom, aí dava sono (BDFN; Entrevista 1).

(8) Eu só quero fazer a tarefa quando começa Salve Jorge pra mim aproveitar quando eu terminar eu assistir, MAS minha mãe não deixa (BDFN; Entrevista 2).

Em (7), a informante afirma que ela e seus familiares foram comer, gerando-se a expectativa de que todos estavam com fome; todavia acrescenta, na oração introduzida pelo SÓ QUE, que não estava com fome. Tem lugar a

marcação de não satisfação de condições, posto que a condição necessária não foi atendida: ter fome.

Em (8), percebe-se o MAS desempenhando o mesmo papel, uma vez que a informante quer fazer a atividade escolar tão somente quando começar a novela, porém sua mãe não satisfaz uma das condições necessárias para a filha concretizar sua vontade: a autorização materna.

Por último, há a marcação de contra-argumentação, que se revela quando o falante legitima uma conclusão, mas, na sequência, a descarta em favor de uma conclusão contrária. Longhin (2003) não apresenta uma paráfrase para essa acepção.

(9) Eu acho que até a gente se tocar que cada uma pode ser diferente foi difícil. Até os 15 anos a gente vestiu quase as mesmas roupas, as mesmas lojas, mesmas bolsas, combinava o sapato, ir pra o shopping combinava tudo, "eu vou com essa blusa, você não vai com essa, você vai com essa que é igual... que é parecida, não sei o que", cor diferente, a gente sempre foi muito patricinha. A gente era tachada de fresca, de frescurenta, de patricinha, de metida, SÓ QUE a gente não era nada disso, a gente aparenta ser as maiores duas coca-cola do mundo, mas quando conhece, vê que a gente é, meu Deus, só aparência, porque são brincadeiras... brincadeiras tão bestas que a pessoa fala "meu Deus como elas fazem isso?", fazemos (BDFN; Entrevista 14).

(10) I: Mas eu vejo que quando a gente tem um problema as primeiras que aparecem são elas, e essa amizade eu acho que vai durar pra o resto da vida, porque onze anos de amizade eu acho que não acaba assim, mas eu tenho uma grande amiga que eu conheci o ano passado, que eu acho que foi uma identificação assim, pequenas coisinhas foram... meu Deus a gente é igual, a gente pensa igual, a gente tenta agir igual, e a gente é totalmente diferente ao mesmo tempo, que é a AS, que ela... meu Deus, ela...

E: Outra A, né? (*o nome da informante é igual ao de sua amiga AS*)

I: Outra A. Ela... assim, ela veio de Goiânia e eu sou daqui de Natal, aí ela tem costumes e eu costumes daqui, SÓ QUE quando a gente vai conversar é como se não tivesse nenhuma distância, como se a gente se conhecesse desde um ano de idade (BDFN; Entrevista 4).

Em (9), a entrevistada descreve como ela e as suas amigas se comportavam até terem 15 anos, comportamento esse que as levava a serem tachadas de patricinhas, metidas etc. A própria entrevistada declara: "a gente sempre foi muito patricinha". Entretanto, conforme contra-argumenta, na verdade ela e suas amigas tinham comportamento infantil, e não de "patricinha", tipo social com o qual só possuíam em comum a preocupação com roupas e acessórios.

Em (10), a informante reporta que, por serem de diferentes locais, ela e amiga têm costumes distintos. Essa informação poderia levar à conclusão de

que haveria alguma dificuldade no entendimento entre elas, conclusão essa que é negada pela informação subsequente: “quando a gente vai conversar é como se não tivesse nenhuma distância, como se a gente se conhecesse desde um ano de idade.”

Embora, em Pedro (2019), a contra-expectativa tenha sido delimitada como macrodomínio/variável linguística, optamos por reformular a proposta, considerando, no lugar, que a adversidade é o macrodomínio/variável linguística, sem que seja necessário postular um macrodomínio intermediário entre a adversidade e cada um dos cinco microdomínios.

O que motivou essa decisão foi o fato de que a contra-expectativa é o significado básico do domínio funcional mais amplo contraste,⁶ que engloba tanto a adversidade, quanto a concessividade. De acordo com Neves (2000),

As construções concessivas têm sido enquadradas, juntamente com as adversativas, entre as conexões contrastivas, cujo significado básico é “contrário à expectativa”, um significado que se origina não apenas do conteúdo do que está sendo dito, mas, ainda, do processo comunicativo e da relação falante-ouvinte (NEVES, 2000, p. 864).

Depois dessa alteração, a organização superordenada dos domínios/funções semântico-pragmáticas passou a ser a seguinte:

- (i) junção > contraste > adversidade > marcação de diferença;
- (ii) junção > contraste > adversidade > marcação de refutação;
- (iii) junção > contraste > adversidade > marcação de acontecimento inesperado;
- (iv) junção > contraste > adversidade > marcação de não satisfação de condições;
- (v) junção > contraste > adversidade > marcação de contra-argumentação.

Como vimos, no Banco de Dados FALA-Natal, *mas* e *só que* atuam alternadamente na indicação de cinco relações semântico-pragmáticas, o que permite que todas elas sejam incluídas na análise: ambas as variantes são suas formas de codificação. Portanto, no caso da adversidade, pode ser bem sucedido um processo de circunscrição da variável que recorra à estratégia de convergência da variável linguística com o macrodomínio funcional. A adversidade, que é um domínio funcional de nível mais abrangente e encapsula cinco domínios mais específicos, seria delineada como variável. Na próxima seção, aplicamos essa estratégia à concessividade.

⁶ Contraste e contra-expectativa poderiam ser entendidos como dois rótulos para um mesmo domínio, mas, na literatura, o mais comum é que esse domínio seja referido como contraste.

4 Domínio funcional concessividade: variável e variantes

Além das conjunções mais antigas na codificação da concessividade – *embora, conquanto, não obstante* –, há outras que passaram a exercer essa função mais recentemente, como *mesmo (que), mesmo assim, apesar (de) que*, entre outras (GARCIA, 2010; NEVES; BRAGA, 2016; PARRA, 2016; SALGADO, 2007; ZAMPRONEO, 2014). As conjunções e locuções/perífrases conjuntivas (doravante, indistintamente *conjunções*) mais produtivas no corpus, Banco de Dados FALA/Natal, foram *mesmo (que), apesar (de) que e nem que*.⁷

A utilização da estratégia de convergência do conceito de variável linguística com o de macrodomínio funcional foi mais difícil no caso da concessividade em razão de características do próprio fenômeno, mas também da distribuição das conjunções concessivas identificadas no corpus quanto aos microdomínios.

Em um viés funcionalista, Neves (2000) aponta que:

as relações entre uma oração nuclear e uma oração adverbial são vistas como análogas às relações retóricas que constroem o texto. Assim, entende-se que essas relações permeiam e governam todo o texto, independentemente do nível das unidades (micro ou macro-estruturais) envolvidas (sintagmas, orações, enunciados, parágrafos, capítulos etc.), penetrando nas suas subpartes, como reflexo e consequência da organização geral a que estão subordinadas (NEVES, 2000, p. 601).

A concessividade é um movimento retórico de quebra de expectativa, de contraste entre duas ideias, em que o que é dito na oração concessiva é reconhecido como válido, mas sem carregar em si um argumento que seja forte o suficiente para alterar o argumento exposto na oração principal.

A concessividade envolve três relações semântico-pragmáticas que podem ser compreendidas como seus microdomínios funcionais: factualidade, hipoteticidade (eventualidade) e contrafactualidade. É plausível estipular uma organização superordenada que parte do macrodomínio mais amplo e chega ao microdomínio mais específico: (i) junção > contraste > concessividade > factualidade; (ii) junção > contraste > concessividade > hipoteticidade; (iii) junção > contraste > concessividade > contrafactualidade.

Neves (2000) diferencia tais relações valendo-se de esquemas lógicos. As concessivas factuais apoiam-se em fatos concretos/reais. Nelas, tanto a oração concessiva (p) quanto a oração principal (q) “[...] devem ser verdadeiras para que a asserção global seja também verdadeira” (NEVES, 2000, p. 867). Em outras palavras, na expressão de uma concessiva factual,

⁷ Também aparecerem, com uma ou duas instâncias: *ainda assim, embora, se bem que, por mais que e por menor que*.

está contida implicitamente “[...] a realização dos conteúdos tanto de **p** como de **q**” (NEVES, 2000, p. 867). Consequentemente, o que está em contraste não é o valor de verdade do que foi dito, mas uma contraexpectativa, uma quebra da conclusão esperada. A seguir, temos duas ocorrências:

(11) E isso foi assim, muito impactante pra mim, mas graças a Deus sempre tive muito auxílio, acho que tanto espiritual, como o auxílio médico, eu consegui voltar a fazer tudo normalmente, *MESMO o meu joelho hoje em dia não sendo mais o mesmo, nunca mais foi o mesmo*, mas nada que dificulte assim, a minha vida por completo, que eu tenha que deixar de fazer alguma coisa por causa disso (BDFN; Entrevista 17).

(12) Naquele tempo respeitava o professor, né? Hoje não existe mais isso, né? Mas naquele tempo o professor era respeitado, *APESAR DE QUE a bagunça era muito diferente de hoje* (BDFN; Entrevista 45).

Em (11), há uma oração concessiva posposta factual encabeçada por *mesmo*. Ao relatar sobre sua condição de saúde e a cirurgia que precisou fazer, tanto em **q** “eu consegui voltar a fazer tudo normalmente”, quanto em **p** “mesmo o meu joelho hoje em dia não sendo mais o mesmo”, o informante produz duas asserções verdadeiras, ou seja, asserções factuais, que se referem a eventos do mundo real. O contraste não advém do valor de verdade das proposições, mas sim da pressuposição: é de se esperar que “conseguir voltar a fazer tudo normalmente” implicaria no joelho da informante ter voltado a ser o mesmo após a cirurgia, conclusão que é negada na concessiva, visto que seu joelho “nunca mais foi o mesmo”.

Em (12), há uma oração concessiva anteposta factual encabeçada por *apesar de que*. O informante, que tem mais de 50 anos, emite sua opinião sobre como o professor era tratado em seu tempo de estudante: o professor era respeitado. Trata-se de uma asserção verdadeira, fruto da experiência do informante: para ele, o respeito ao professor de antigamente é fato. A informação acrescentada pela oração concessiva, de que “a bagunça era muito diferente de hoje”, também uma asserção verdadeira em conformidade com a experiência do informante, faz contraste não com o que foi dito na oração principal, e sim com uma pressuposição: como o professor era respeitado, então não havia bagunça. Depreende-se do que afirma o informante que bagunça havia, mas diferente de como é hoje (possivelmente era menos frequente e menos agressiva).

Por sua vez, as concessivas hipotéticas/eventuais referem-se a um evento que existe no campo da possibilidade. Consoante Neves (2000, p. 867), “[...] dada a potencialidade da oração concessiva, não necessariamente se segue a realização/a verdade nem a não-realização/a falsidade da oração principal”. Vejamos:

(13) Porque o trabalho... Eu comecei a trabalhar com sete, oito anos de idade, eu já trabalhava, fazia muita coisa, e achando bom, e até hoje trabalho e só achei que... vantagem disso. Tem que aprender desde cedo. Tudo que a gente faz na vida é lucro. Tudo que a gente aprende na vida é lucro. E quanto mais cedo aprender, melhor. E o menino que só se liga em colégio, só se liga em colégio, *MESMO QUE ele tenha boas intenções*, ele nunca vai ter aquela prática do menino que se liga no colégio e no trabalho, porque é uma coisa ajudando a outra, viu? (BDFN; Entrevista 47).

(14) Porque eu ficava em casa e tomava conta deles e- e da mercearia, né? Trabalhava muito, mas era bom. (inint) Já pensou? Tô trabalhando, pegando no dinheiro, a gente se alegra muito. Eu pelo menos pegar em dinheiro, *NEM QUE ele não seja meu*, mas eu fico feliz, ((risos)) fico feliz. (BDFN; Entrevista 40).

Em (13), o informante, ao comentar sobre a diferença entre os jovens que só estudam e os que estudam e trabalham, argumenta que aquele que “só se liga em colégio”, na hipótese de ter “boas intenções”, não teria a experiência profissional daquele que “se liga no colégio e no trabalho”. “Boas intenções”, nesse contexto, é colocada como uma possibilidade, uma hipótese, o menino que só estuda pode ou não fazer isso com boas intenções, mas, em qualquer uma das hipóteses, ele não teria a prática do menino que trabalha e estuda ao mesmo tempo.

Em (14), há um contexto em que, previamente, a informante vinha comentando sobre como era difícil a época em que sua rotina era cuidar de quatro filhos pequenos e ainda da mercearia, que era sua fonte de renda. Então declara que, apesar da correria, havia gostado de trabalhar, uma vez que recebia dinheiro, e, ato contínuo, lança a oração concessiva hipotética “nem que ele [o dinheiro] não seja meu”, declaração motivada pelo fato de que a maior parte do dinheiro ficava com o seu marido. Ou seja, mesmo na hipótese de, no final do mês o dinheiro não permanecer com ela, ainda assim achava bom trabalhar pegando em dinheiro.

A terceira relação semântico-pragmática possível de ser expressa através de uma oração concessiva é a contrafactualidade. As concessivas contrafactuais “[...] são caracterizadas pelo fato de exprimirem uma hipótese em que se nega um fato, isto é, uma hipótese que contraria um dado da realidade” (SALGADO, 2007, p. 29). Neves (2000) aponta que, em uma concessiva contrafactual, já está implícita a não-realização tanto de **p** (oração concessiva) quanto de **q** (oração nuclear).

Não identificamos orações concessivas contrafactuais no Banco de Dados FALA-Natal. De fato, concessivas contrafactuais tendem a ser raras, o que também foi constatado por Salgado (2007), que, de 59 ocorrências de orações concessivas, flagrou apenas um dado exibindo essa relação semântico-pragmática.

Para ilustrar, recorreremos a Neves (2000):

(15) “Eu não sou acionista da empresa! Sou empregado como vocês! *E MESMO QUE fosse o dono, não ia fazer a menor diferença!* (RE)” (NEVES, 2000, p. 866).

(16) “O semblante sereno de uma vaca, aquele ar bovino imperturbável de quem está sempre filosofando, lhe é simplesmente inevitável, pois *MESMO QUE pudesse querer, a vaca não poderia sorrir nem chorar* (FOT)” (NEVES, 2000, p. 866).

Em (15), a argumentação sustenta-se na menção de um fato irreal, ou seja, não se trata nem de um evento concreto, nem de um evento possível, visto que o indivíduo não é dono da empresa. De qualquer forma, como ele afirma, se fosse o dono, a situação não seria alterada. Em (16), uma vaca poder querer sorrir ou chorar se trata de um fato impossível/irreal. Nos dois casos, a concessiva é contrafactual, estabelecendo relações dentro de um mundo impossível, logo, está implícita a não realização dos eventos referidos.

Talvez outras conjunções, como *ainda que* e *nem que*, sejam passíveis de intercâmbio com *mesmo que* na expressão da concessividade contrafactual. No entanto, poderão ser tratadas como variantes apenas se conviverem em um mesmo corpus. Em nosso manancial de dados, a concessividade contrafactual sequer deu o ar de sua graça.

Quanto às demais relações semântico-pragmáticas, observamos que, no Banco de Dados FALA-Natal, (i) duas conjunções indicam concessividade factual, *mesmo (que)* e *apesar (de) que*; (ii) duas conjunções indicam concessividade hipotética, *mesmo (que)* e *nem que*. No universo de dados que analisamos, apenas a conjunção *mesmo (que)* é multifuncional.

Portanto, a estratégia de circunscrição da variável em torno do macrodomínio – a concessividade – não pode ser aplicada: os microdomínios da factualidade e da hipoteticidade não são codificados pelas mesmas formas. A única estratégia possível é a de tomar cada microdomínio como uma variável em si. Nesse cenário, as variáveis/microdomínios seriam submetidas a análises estatísticas separadas, havendo inclusive a possibilidade de focalizar apenas uma das variáveis/microdomínios, ou a concessividade factual, ou a hipotética.

Ressaltamos a importância de nossa tentativa de aplicação à concessividade a estratégia de correlação variável-macrodomínio. Embora a aplicação tenha sido frustrada, se não a tivéssemos feito, o recorte da variável poderia ter recaído inadvertidamente sobre o macrodomínio. Teriam sido reunidas sob um mesmo guarda-chuva, o da concessividade, além de *mesmo (que)*, duas variantes que, em nossa amostra de dados, têm especializações funcionais distintas: *apesar (de) que* (concessividade factual) e *nem que* (concessividade hipotética), o que redundaria no enviesamento dos resultados.

Alertamos, porém, que, dependendo do corpus, o conjunto de variantes pode ser diferente. Se as mesmas variantes codificarem ao menos dois dos microdomínios, a concessividade enquanto macrodomínio poderá ser definida como variável.

5 Considerações finais

A circunscrição da variável é o primeiro desafio a ser enfrentado para conduzir uma pesquisa na trilha do sociofuncionalismo, desafio que é ampliado quando estão em jogo variantes multifuncionais, a exemplo do futuro do presente do indicativo durativo (TORRES; RODRIGUES; COAN, 2012), no domínio complexo TAM, e da concessividade e da adversidade, no domínio complexo junção.

A aproximação entre os conceitos de variável e domínio funcional e de variantes e formas de codificação de um domínio funcional viabiliza a definição de um objeto de estudo que contempla exigências tanto da sociolinguística quanto do funcionalismo. A natureza superordenada do domínio funcional, quando posta em diálogo com a variável linguística, dá conta de variantes multifuncionais: um macrodomínio/macrofunção pode ser compreendido como variável e microdomínios/microfunções por ele albergados podem ser controlados no formato de um grupo de fatores.

A adoção da estratégia de circunscrição de um macrodomínio como variável permite:

- (i) Examinar padrões de uso linguísticos e extralinguísticos de variantes de uma variável linguística/macrodomínio funcional complexa através do mapeamento da distribuição dessas formas em correlação aos fatores controlados como variáveis independentes, derivando daí um conhecimento acurado sobre a variação linguística em seus níveis macro e microfuncionais de modo articulado;
- (ii) Descobrir especializações funcionais de cada variante, isto é, apesar de haver variação entre as variantes em todos os microdomínios, é possível que uma delas tenha seu uso favorecido em um deles, em detrimento da(s) outra(s);
- (iii) Verificar se há microdomínio(s) codificado(s) por apenas uma das variantes – um uso categórico forma-função –, caso em que esse(s) microdomínio(s) deverá(ão) ser excluído(s) da análise, pois não representa(m) contexto(s) de variação.
- (iv) Observar se todos os microdomínios são codificados por variantes idênticas; aqueles que não partilharem as mesmas variantes deverão ser excluídos – se cada microdomínio for codificado por um conjunto distinto de variantes, a variável não poderá equivaler ao macrodomínio, e sim a cada microdomínio particular, e deverão ser realizadas análises separadas;

(v) Abordar fenômenos variáveis à luz da gramaticalização.⁸

A respeito desse último tópico, a adoção da estratégia de convergência dos conceitos de variável linguística e macrodomínio funcional pode ser fértil para estudos efetuados na perspectiva de interface variação-gramaticalização. Tais estudos são caracterizados pelo escrutínio dos percursos de gramaticalização seguidos por cada variante com o objetivo de buscar neles explicações para tendências de distribuição linguística e extralinguística.

Há situações em que as formas que partilham espaço na codificação dos mesmos domínios funcionais passaram por um processo de expansão funcional similar, em consonância com percursos universais de mudança (KUTEVA et al., 2019). Se as funções assim adquiridas forem microdomínios englobados por um macrodomínio, este poderá ser delimitado como variável linguística,

[...] postulando-se uma relação escalar entre domínios/funções mais amplos e domínios/funções mais específicos. Microdomínios vizinhos no percurso de gramaticalização seriam, então, controlados como fatores condicionadores na escolha das formas variantes. (TAVARES; DUARTE, 2021, p. 11).

A convergência dos conceitos de variável linguística e de macrodomínio funcional na composição da unidade central de análise em um prisma sociofuncionalismo pode ser mais explorada. Com a aplicação dessa estratégia de circunscrição da variável a fenômenos de diferentes níveis gramaticais, potencialidades e limitações poderão ser testadas, o que levará ao refinamento da proposta. É uma conversa que ainda rende muito assunto.

REFERÊNCIAS

BARRETO, T. M. M. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 1999. 508 fl. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

DUQUE, P. H. **Contrastes e confrontos: um estudo funcional do *mas* na fala e na escrita**. 2008. 238 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GARCIA, T. S. **As relações concessivas no português falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional**. 2010. 176 fl. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e

⁸ O QUE É?

Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2010.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GIVÓN, T. **Syntax**: an introduction. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. **Bio-linguistics**: the Santa Barbara lectures. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (Org.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2017. p. 35-63.

KUTEVA, T. et al. **World lexicon of grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. Quantitative reasoning in linguistics. Disponível em: <https://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/QRL.pdf> Acesso em: 12 janeiro 2021.

LAKOFF, R. T. If's And's and But's about conjunction. In: FILLMORE, C. J.; LANGENDOEN, D. T. (Eds.). **Studies in linguistique semantics**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971. p. 114-149.

LEHMANN, C. Gramática funcional. In: PERES DE OLIVEIRA, T.; SOUZA, E. R. F. (Org.). Funcionalismo: princípios, metas e métodos. **Anais do I Simpósio Internacional de Linguística Funcional**. 2011. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 25-27 de maio de 2011. Disponível em: http://www.christianlehmann.eu/publ/gramatica_funcional.pdf. Acesso em: 14 janeiro 2021.

LONGHIN, S. R. **A gramaticalização da perífrase conjuncional "só que"**. 2003. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

NEVES, M. H. M. O coordenador interfrasal *mas*: invariância e variantes. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 28, p. 21-42, 1984.

NEVES, M. H. M.. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L. As construções hipotáticas/adverbiais. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **A construção das orações complexas**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 123-166.

OLIVEIRA, R. P. Uma história de delimitações teóricas: 30 anos de semântica no Brasil. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 15, n. esp., p. 291-321, 1999.

PARRA, B. G. G. **Uma investigação discursivo-funcional das orações concessivas introduzidas por *ainque* em dados do espanhol peninsular**. 2016. 169 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, 2016.

PEDRO, F. L. F. S. **O uso dos conectores adversativos MAS e SÓ QUE na fala do natalense em entrevistas sociolinguísticas: foco na variação discursiva**. 2019. 110 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

PICHLER, H. **The structure of discourse-pragmatic variation**. Amsterdam: John Benjamins, 2013.

SALGADO, É. **As construções concessivas no Português Brasileiro do século XIX**. 2017. 92 fl. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

TAGLIAMONTE, S. A. **Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation**. Cambridge: Wiley-Blackwell, 2012.

TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, J. Layering, competition and a twist of fate: deontic modality in dialects of English. **Diachronica**, Amsterdam, v. 23, n. 2, p. 341-380, 2006.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações: um estudo sociofuncionalista**. 2003. 307 fl. Tese (Doutorado) –Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A.; DUARTE, A. C. V. **Gramaticalização, variação, multifuncionalidade: circunscrição da variável discursivo-pragmática**. 2021. Artigo submetido à avaliação para publicação.

TERKOURAFI, M. The pragmatic variable: toward a procedural interpretation. **Language in Society**, Cambridge, v. 40, n. 3, p. 343-372, 2011.

TORRES, F. F.; RODRIGUES, L. S. R.; COAN, M. Incursões sociofuncionalistas pelo domínio tempo-aspecto-modalidade. **Filol. linguíst. port.**, São Paulo, n. 14, v. 1, p. 57-72, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59902>. Acesso em: 26 janeiro 2021.

VOGT, C.; DUCROT, O. De *magis* a *mas*: uma hipótese semântica. In: VOGT, Carlos (Org.). **Linguagem, pragmática e ideologia**. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Campinas: Editora da Unicamp, 2015, p. 103 -128.

ZAMPRONEO, S. **Multifuncionalidade e intersubjetividade em construções concessivas**: uma análise em ocorrências do português contemporâneo do Brasil. 2014. 169 fl. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, 2014.

Recebido em 1 de março de 2021

Aceito em 18 de maio de 2021.

Publicado em 30 de dezembro de 2021.

SOBRE OS AUTORES

Maria Alice Tavares é doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atuando no Departamento de Letras e no Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na área de Linguística Teórica e Descritiva. Realiza pesquisas com ênfase em sociofuncionalismo, sociolinguística comparativa, variação discursivo-pragmática, interface variação-gramaticalização e gêneros textuais produzidos em entrevistas sociolinguísticas.

E-mail: aliceflp@hotmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2055-7570>

Fernando Laerty Ferreira da Silva Pedro é mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e atualmente é doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da mesma instituição. Ministra aulas de língua portuguesa na Rede SESI de Ensino de Natal-RN, no segmento do ensino médio. Suas pesquisas voltam-se ao sociofuncionalismo, à variação discursiva, a conectores sequenciadores e a conjunções adversativas.

E-mail: f.laerty@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5251-284X>

Gabriela Fernandes Albano é mestre em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e atualmente é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da mesma instituição. Desenvolve pesquisa nas seguintes áreas de interesse: sociolinguística variacionista, funcionalismo linguístico norte-americano, sociofuncionalismo, variação discursiva, ordem verbo-sujeito.

Suas publicações giram em torno, especialmente, da posposição do sujeito na escrita jornalística norte-riograndese e do ensino de gramática em ótica sociolinguística.

E-mail: gabriela_falbano@hotmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7843-0092>